

Ridolfi, Maurizio, *La politica dei colori. Emozioni e passioni nella storia d'Italia dal Risorgimento al ventennio fascista*. Florença, Le Monnier, 2014

Em 1947 foi fundada em Itália a *Unione nazionale per la lotta contro l'analfabetismo* (União Nacional para a Luta contra o Analfabetismo – UNLA), uma associação que tinha como propósito a promoção da educação e da formação ao longo da vida dos cidadãos italianos. A criação da UNLA demonstra que, apesar de o analfabetismo ter perdido o carácter endémico que caracterizou os primeiros 75 anos da nação italiana, o problema continuava a persistir nos anos posteriores à II guerra mundial. Os dados recolhidos no primeiro censo italiano (1861) mostraram que 78% da população era incapaz de ler e escrever. No início do século XX, o censo de 1901 permite constatar que este valor diminuiu para 56%, embora houvesse ainda picos de analfabetismo na Calábria (67%) e na província de Caltanissetta, na Sicília (70,3%). O último recenseamento da população feito antes da II guerra mundial, em 1931, revela que um italiano em cada cinco era analfabeto¹. A relação entre analfabetismo e a política de massas era clara até para os contemporâneos. Em 1911, a revista *La Nuova Antologia* publicou um artigo que mostrava que, com a introdução do sufrágio universal, haveria 5.226.925 de eleitores analfabetos ou semianalfabetos – e por isso «fáceis de enganar» – e apenas 3.484.617 de eleitores capazes de ler e escrever corretamente². Uma vez apresentado este cenário, não é difícil compreender a importância das cores e das expressões cromáticas na história política de Itália desde a unificação até ao fim do fascismo. Estudar o cromatismo na política, portanto, não é um mero exercício de estilo ou o estudo de um aspeto marginal da sociedade, mas a análise de um indicador importante que, graças ao seu carácter interdisciplinar, permite refletir e investigar as associações, as militâncias, as identidades políticas na sociedade.

Há poucos anos, durante uma conferência internacional organizada pelo *Centro Sammarinese di Studi Storici* (Centro de Estudos Históricos

1 M. Dei, *La scuola in Italia*. Bolonha, Il Mulino, 2012; G. Genovesi, *Storia della scuola in Italia dal Settecento ad oggi*. Roma-Bari, Laterza, 2007.

2 *Suffragio universale e analfabetismo. Appunti statistici*, em «*La Nuova Antologia*», vol. CLIII, serie V, 16 de maio de 1911, pp. 330-338.

de San Marino), intitulada *I colori della politica. Passioni, emozioni e rappresentazioni nell'età contemporanea* (As cores da política. Paixões, emoções e representações na idade contemporânea), os organizadores sublinharam a ausência em Itália de estudos históricos que conjugassem a abordagem sociocultural da investigação da história cultural com a transformação da linguagem política através do uso das cores. As atas da conferência foram depois publicadas por Stefano Pivato e Maurizio Ridolfi, constituindo assim um dos primeiros textos italianos sobre o tema³. Contendo também as reflexões de Stephen Gundle e um capítulo comparativo sobre o uso das cores pelos revolucionários e contrarrevolucionários em Espanha e Portugal, da autoria de Jordi Canal, o volume traçava pela primeira vez a história política das cores em Itália numa perspetiva longitudinal. Apesar de existirem alguns trabalhos sobre a bandeira tricolor⁴, a historiografia italiana, especialmente a dedicada à época contemporânea, chegou tarde a uma temática que já é, há bastante tempo, matéria de investigação para as artes, a filosofia, a história da arte e as ciências sociais; disciplinas com as quais é preciso interagir se se quer contribuir para uma história cultural sólida.

O último livro de Maurizio Ridolfi insere-se nesta linha de investigação interdisciplinar, empreendendo um diálogo construtivo com as áreas afins da história e com as historiografias estrangeiras. Uma história cultural das cores políticas em Itália deve, tal como é sublinhado pelo próprio autor, ter em conta os estudos sobre a linguagem política das campanhas eleitorais em Inglaterra e nos Estados Unidos, de Moisei Ostrogorski: sobre o movimento socialista europeu, de Robert Michels; sobre a sociedade de massas, de George Mosse; sobre a importância das cores nas tradições sociais do movimento operário e político, de Eric Hobsbawm; ou sobre o papel das imagens, de Peter Burke, só para citar apenas os trabalhos mais emblemáticos⁵. O estudo das cores políticas não pode igualmente prescindir da historiografia francesa: a análise de Albert Mathiez das cores como visualização da participação emocional na luta política e na militância durante o período revolucionário, os estudos pioneiros de Michel Pastoreau sobre as cores na Idade Média⁶ e,

3 S. Pivato, M. Ridolfi (eds.), «I colori della politica. Passioni, emozioni e rappresentazioni nell'età contemporanea», *Quaderni del Centro Sammarinese di Studi Storici*, n.º 27, 2008.

4 Por exemplo, F. Tarozzi, G. Vecchio (eds), *Gli italiani e il tricolore. Patriottismo, identità nazionali e fratture sociali lungo due secoli di storia*. Bolonha, Il Mulino, 1999.

5 M. Ostrogorski, *La démocratie et les partis politiques*. Fayard, Paris, 1993 (1.ª ed. 1902); R. Michels, *Il proletariato e la borghesia nel movimento socialista italiano: saggio di scienza sociografico-politica*. Turim, F.lli Bocca, 1908; E. Hobsbawm, T. O. Ranger, *The Invention of Tradition*. Cambridge, Cambridge University Press, 1992; P. Burke, *Eyewitnessing: The uses of images as historical evidence*. Londres, Reaktion, 2001.

6 M. Pastoreau, *Couleurs, images, symboles. Étude d'histoire et d'anthropologie*. Paris, Le Léopard d'Or, 1989; Id., *Bleu. Histoire d'une couleur*. Paris, Éditions Le Seuil, 2006 (1.ª ed. 2000); A. Mathiez, *Les origines des cultes révolutionnaires 1789-1791*. Genebra, Slatkine – Megariotis Reprint, 1977 [1.ª ed. 1904].

obviamente, os trabalhos de Maurice Agulhon⁷. Maurizio Ridolfi foi particularmente próximo do historiador francês, como demonstram as suas homenagens publicadas em Itália e Portugal no ano da sua morte; este seu livro, publicado no fim de 2014, constitui agora uma última homenagem intelectual.

Quais foram, portanto, os cromatismos que marcaram a política das cores na Itália a partir do *Risorgimento* até ao fascismo? No século XIX, certamente, foram o azul dos ideais de liberdade de França, o vermelho, o verde e o branco. Os três últimos tornar-se-iam as cores da bandeira italiana. A bandeira tricolor foi legitimada pela primeira vez em Itália no ano de 1802; a partir daí, e ao longo do século XIX, foi o símbolo da luta pela unificação da nação: por vezes, foi orgulhosamente ostentada nas janelas, nos estaleiros, nas insígnias fixadas nos colarinhos dos casacos; noutros momentos, como no período da Restauração após o Congresso de Viena, tornou-se um símbolo da resistência e foi mostrada apenas em reuniões fechadas de conspiração ou ciosamente guardada nas gavetas à espera de voltar a ser exposta publicamente⁸.

Após a unificação, o branco, o vermelho e o verde haviam de competir com o azul, a cor da Casa de Saboia. O conflito foi parcialmente resolvido com a inserção do brasão de armas da casa real na bandeira tricolor, e continua até hoje como um legado do passado nas bandeiras dos barcos (que ainda ostentam o brasão) e nos equipamentos azuis dos atletas italianos, embora a Itália tenha abandonado a monarquia a favor da república em 1946. O estudo do encarnado é muito mais complexo porque, como o autor aponta várias vezes, é menos importante analisar o simbolismo cromático que as «interpretações associadas a cada cor, devidas aos diferentes contextos socioculturais e os seus efeitos em termos de suscitar emoções em quem as vê». Durante o século XIX, o vermelho foi provavelmente a cor que teve mais declinações e que suscitou mais paixões políticas: esta cor foi associada ao sangue dos jovens mortos nas batalhas do *Risorgimento*, como as de Curtatone e Montanara em 1848; à camisa de Garibaldi e dos seus soldados voluntários⁹; e, finalmente, à bandeira do Partido Socialista¹⁰. O vermelho também foi associado a outras cores –, como o preto, no caso das bandeiras dos anarquistas – ou, mais frequentemente, objeto de um contraste cromático. Especialmente com o início da participação ativa dos católicos na vida

7 M. Agulhon, «Les couleurs dans l'histoire récente» (1990), *Ethnologie française*, XX, n.º 4, 1990, pp. 392-398; também em Id., *Historie vagabonde. III. La politique en France, d'hier à aujourd'hui*. Paris, Éditions Gallimard, 1996, pp.170-188.

8 F. Tarozzi e G. Vecchio, *Gli italiani e il Tricolore. Patriottismo, identità nazionale e fratture sociali lungo due secoli di storia*. Bolonha, Il Mulino, 1999.

9 L. Riall, *Garibaldi. Invention of a hero*. New Haven, Londres, Yale University Press, 2007.

10 M. Ridolfi, *Il Psi e la nascita del partito di massa. 1892-1922*. Roma-Bari, Laterza, 1992.

política, tornou-se sempre mais comum ver nos jornais, nos cartazes e nas praças o contraste entre o vermelho das bandeiras, das flores e dos lenços dos partidos da classe trabalhadora e o branco dos símbolos que se referiam à iconografia católica. Um dos contrastes mais populares deste período era entre os cravos vermelhos usados pelos socialistas para celebrar a festa do 1.º de maio e os cravos brancos que eram o símbolo da celebração do dia do trabalho dos católicos, quinze dias depois, por ocasião do aniversário da proclamação da *Rerum Novarum*¹¹.

Carlotta Sorba define o século XIX italiano como o século do teatro e da ópera lírica, salientando o modo como este espaço e este género narrativo desempenharam um papel decisivo na difusão do *Risorgimento* no imaginário nacional-patriótico¹²; pode-se tentar uma abordagem semelhante colocando as cores no centro da reflexão. O século XIX foi, de facto, caracterizado pela presença das cores e dos seus significados políticos na pintura, na litografia e na imprensa, mas também na escolha das bandeiras e dos símbolos dos partidos e da roupa dos militantes.

Tudo isto foi exponenciado no século XX, graças às novas técnicas e às novas linguagens. No novo século, os traços dos Macchiaioli foram substituídos pela «velocidade» dos futuristas, ao teatro juntou-se o cinema, à pintura juntou-se a fotografia. A luz vem à tona e a política acabou por apropriar-se da linguagem da publicidade até se transformar em propaganda para as massas. Além disso, com a consolidação definitiva da nação e o intenso calendário de comemorações de centenários entre 1905 e 1911, as cores estiveram no centro tanto de uma autorrepresentação das diferentes fações políticas como também de uma complexa luta de apropriação dos símbolos do *Risorgimento*, como o vermelho das camisas das tropas de Garibaldi e as três cores da bandeira nacional¹³. O passado e as cores não foram utilizados apenas pelas comemorações, mas também como um instrumento de mobilização política, como no caso da «Semana Vermelha», em maio de 1914, e na campanha a favor ou contra a participação na Grande Guerra. O conflito introduziu uma outra cor na linguagem da política: o cinzento esverdeado. Cor dos uniformes militares no duplo sentido de «inimigo externo (os austro-húngaros) e interno (os neutralistas empedernidos)» (p. 159). Com o fim da guerra, ficou apenas o cinzento, cor da apatia da classe média provinciana e pequeno-burguesa que, em breve, tornar-se-ia no símbolo daquele mundo

11 M. Fincardi, *Primo maggio reggiano. Il formarsi della tradizione rossa emiliana*. Reggio Emilia, Edizioni delle Camere del Lavoro Territoriali di Reggio e Guastalla, 1990.

12 C. Sorba, *Il melodramma della nazione. Politica e sentimenti nell'età del Risorgimento*. Roma, Bari, Laterza, 2015.

13 M. Baioni, *Risorgimento conteso*. Bolonha, Diabasis, 2009; A. Gori, *Tra patria e campanile*. Milão, FrancoAngeli, 2014.

incolore, assustado com os «anos vermelhos» de 1919-1920, que foi crucial para a ascensão do fascismo¹⁴. No vinténio fascista, o regime conseguiu inicialmente absorver o azul dos nacionalistas nas camisas pretas dos fascistas, e depois exilar o vermelho da oposição. Tal como sugere Maurizio Ridolfi, seria um erro, todavia, pensar numa clara contraposição cristalizada entre o preto e o vermelho durante o período da ditadura. As duas cores assumiram de facto muitas nuances, e o regime adotou algumas conotações do vermelho, como a capacidade evocativa do poder do sangue dos mártires. O encarnado teve até uma importância fundamental na Exposição da Revolução Fascista de Roma em 1932, como demonstram o uso frequente desta cor no catálogo editado por Mario Sironi e a sua presença na fachada do edifício construído de propósito para a exposição, desenhada por Adalberto Libera e Mario De Renzi, em que se destacavam quatro pilares metálicos¹⁵.

O livro de Maurizio Ridolfi termina com a queda do fascismo, depois de ter acompanhado o leitor por um percurso de mais de cento e cinquenta anos da história de Itália. O autor construiu uma viagem tanto através do tempo como entre os muitos espaços da vida política. As praças, as sedes dos partidos, os lugares da sociabilité tão do agrado de Maurice Agulhon; mas também as casas, as salas, os armários, lugares da vida quotidiana dos cidadãos, relativamente aos quais talvez se pudesse dizer um pouco mais em termos da receção da mensagem política transmitida pelas cores. É especialmente nesta esfera privada (que, convém lembrar, não é menos política que as restantes) que o livro se tingiu de rosa; é aqui que é descrito o papel das mulheres como educadoras políticas, militantes, conspiradoras. Numa época ainda muito hostil à presença das mulheres na política oficial, o que é exemplificado pela adoção do sufrágio exclusivamente masculino ou pelo acesso limitado a certas profissões, costurar ou bordar as bandeiras, tingir lençóis para pendurá-los nas janelas, ou escolher orgulhosamente vestir uma certa cor adquiriu um valor político que fundia as dimensões públicas e privadas.

Escrever um livro sobre política com base nas cores não é um desafio fácil. Maurizio Ridolfi fê-lo sem cair na mera enumeração de factos e estórias. O livro é, de facto, fortemente sustentado por um amplo conhecimento da literatura sobre o assunto, que inclui referências provenientes da história e das ciências sociais, e por uma narração sólida e uma descrição dos eventos e dos rituais em que as cores desempenharam um papel importante. As fontes são extremamente variadas, incluindo jornais, bilhetes-postais, bandeiras,

14 Para uma abordagem de longo prazo sobre a contraposição inimigo interno: A. Ventrone, *Il nemico interno*. Roma, Donzelli, 2005.

15 J. T. Schnapp, Anno X. *La Mostra della Rivoluzione fascista del 1932*. Pisa, Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 2003.

capas de romances, quadros, selos, álbuns de moda, jornais humorísticos, imagens desportivas, publicidade e excertos de filmes.

No entanto, se é verdade que a vastidão das fontes ajuda a tornar o quadro o mais completo possível, esta é também suscetível de fazer com que um leitor não especializado no tema se sinta perdido. Da mesma forma, algumas escolhas editoriais, tais como o posicionamento do vasto conjunto de notas no fim do livro e a referência à maioria das imagens feita através do website da editora, de difícil navegação, tornam, infelizmente, o processo de leitura cansativo. Mais uma vez, em termos de escolhas editoriais, é uma pena que um segundo livro de Maurizio Ridolfi dedicado à política das cores no período desde o segundo pós-guerra até hoje tenha sido publicado alguns meses depois com um título diferente (*Italia a colori – Itália a cores*)¹⁶, visto que teria sido desejável que os dois livros fossem publicados como dois volumes do mesmo trabalho.

Em suma, *La politica dei colori* insere-se numa tradição de apenas vinte anos de história cultural italiana, como demonstram as poucas notas bibliográficas aqui referidas. O livro, especialmente se analisado em conjunto com *L'Italia a colori*, tem o mérito de ter recolhido informação sobre a importância das cores espalhada pela literatura que o antecede e de a usar como ponto de partida para construir, pela primeira vez na historiografia italiana, uma história da nação a partir desta perspetiva. O estudo das cores permite que o autor volte àqueles «interesses e paixões» da política e às festas que o tinham fascinado em 1999¹⁷. Quinze anos depois, o autor dedica novamente a sua atenção à política italiana, sempre analisada com particular atenção no quadro europeu, embora, neste caso, a dimensão mediterrânica, especialmente no último capítulo sobre o período fascista, seja parcialmente ofuscada pelos paralelos recorrentes com as experiências alemã e russa. Parece, contudo, que com *I colori della politica* e o subsequente *Italia a colori*, Maurizio Ridolfi tenha conseguido condensar não só as sugestões que se encontravam na literatura precedente, mas também todo o trabalho feito ao longo da sua vida, e vê-los através da lente colorida da policromia política.

Annarita Gori

Instituto de Ciências Sociais (ICS-UL)

16 M. Ridolfi, *Italia a colori. Storia delle passioni politiche dalla caduta del fascismo ad oggi*. Florença, Le Monnier, 2015.

17 M. Ridolfi, *Interessi e passioni: storia dei partiti italiani tra l'Europa e il Mediterraneo*. Milão, Mondadori, 1999.